

A Coluna do Kina

O PATO

The duck

Sidney Kina

Não foi a primeira vez que pediram minha opinião a respeito dos adesivos autocondicionantes de um ou dois frascos: se eles são “bons” ou “ruins”, se eles são seguros ou não. Essa é uma questão recorrente em cursos e congressos. Acho que também não é a última vez que não sei o que expressar sobre o assunto. Sou essencialmente um professor de condutas e técnicas clínicas (embora muitos colegas professores torçam o nariz para isso). Tento observar e absorver ao máximo a literatura disponível, digerir e aplicar as informações na prática a meu e a nosso favor (confesso que, ao fazê-lo, sigo minhas preferências, o que faz muitos torcerem o nariz de novo – agora, com razão).

Assim, cheguei à conclusão de que esses adesivos que fazem tudo (*self-etching*, *self-adhesive*... *self-tudo*) são uma espécie de pato. O pato é um animal interessante: ele anda, nada e voa, mas, infelizmente, anda mal, nada mal e voa mal. Um faz tudo é assim, ele não é especialista em nada. É difícil pensar que quimicamente um *self-etching/adhesive* será mais efetivo no condicionamento de esmalte e dentina do que ácido fosfórico a 37%, do que o *primer* para permear e do que o adesivo para aderir. Cada um na sua tem a química preparada para uma função específica. Todos em um têm de compartilhar a mesma química para desempenhar todas as funções – um pato.

Mas, por favor, não subestime o pato. O pato, assim como nós, sobreviveu à evolução, enquanto vários outros foram extintos. Sua praticidade e desempenho em situações distintas parecem ser suficientemente adequados a suas necessidades. Na prática, parece que nosso “pato” funciona mais ou menos assim. Vejo que, em determinadas situações, os adesivos *self-tudo* vão mais bem do que outros sistemas adesivos. Afinal, é inegável sua praticidade – e, convenhamos, um dos grandes problemas da adesão é sua sensibilidade técnica. Na clínica, minha experiência diz que, quanto mais passos houver a executar, maior será a chance de – eu – errar. Além disso, quem não fica tentado a usar algo mais rápido e mais fácil na arte estressante de restaurar dentes?

Neste momento, sei que parte dos leitores tende a perguntar: “De que lado ele está, afinal?”. Bem, falar de ciência é

falar de um processo aberto. Esforcei-me para deixar expostos dois lados de uma mesma moeda. O pato, desculpe, os autocondicionantes são apenas um exemplo de que não existe um lado completamente certo. Sei que, por preferência ou convicção, nos alinhamos com algum dos lados, mas, em certa medida, acredito que o processo clínico mostra que a polarização – isto ou aquilo – acaba nos tolhendo de alternativas que, em dadas circunstâncias, poderiam servir como solução. Por isso, como disse no início, é difícil responder “na lata” a algumas perguntas do tipo certo ou errado. Não estou do lado de ninguém. Não tenho tese a defender nem bandeira a agitar. O que quis foi chamar a atenção para a criatividade que pode existir na ciência, nesse processo de lidar com “opostos”, sem pretender definir o que é “certo”.

Quanto a nosso “pato”, torço para que ele evolua como o Pato Donald,* de voz grasnada e poucas habilidades, para o Superpato,** com sua identidade super-heróica. Isso seria ótimo.

* **Pato Donald** é um dos mais queridos personagens de desenhos animados dos estúdios de Walt Disney. Criado em 1934, Donald é um típico pato branco, de pernas e bico alaranjados e andar desengonçado. Seu nome completo é Donald Fauntleroy Duck.

** **Superpato** é um super-herói dos quadrinhos Disney, alter-ego do Pato Donald. Foi criado em 1969, na Itália, pelo roteirista Guido Martina e o desenhista Giovan Battista Carpi, porque várias crianças reclamavam que Donald era sempre o perdedor nas histórias. Pobre pato.

Sidney Kina

